



ESCOLA ABERTA



Jornal da Escola Secundária/3 da Sé - Lamego

Direcção: Biblioteca/Mediateca
Número 0 Preço: 0,50 €

Publicação Trimestral
Dezembro 2004

Editorial

Muito, pouco, nada. Como quem desfolha um malmequer: é mais ou menos assim que cada um de nós se situa, em relação à escola. Vimos cá muitas vezes, nela vivemos uma boa parte da nossa vida. E gostamos. Gostamos? Dos amigos (quase sempre), das aulas (nem sempre), das pessoas que cá encontramos (às vezes), do que aprendemos?

Muito, pouco, nada. Na escola acontecem muitas coisas. Muito, para além do que se vê. Dessas coisas, que vivemos, nem sempre contamos tudo. Nem sempre achamos que há coisas importantes para dizer, para mostrar. Mas há.

Por exemplo, este jornal. Há muito que o esperávamos. No ano lectivo passado, a comunidade educativa foi convidada a encontrar-lhe um título. É verdade que a nossa escola tinha um jornal, mas achámos bem mudar-lhe o rosto, a estrutura e torná-lo um espaço de participação de todos. Depois, o tempo passou rapidamente, tivemos todos muito que fazer... e o jornal não saiu.

Está aqui, agora. Para garantir continuidade e marcar que todos estamos empenhados em construir a escola que sonhamos. Uma, que seja espaço de corresponsabilidade, de partilha de saberes, alegrias, receios, vontade de crescer. Uma, onde todos se sintam bem, acolhidos, respeitados, amados. Uma Escola Aberta: cá dentro e para fora, sem medo de dar a conhecer a vida que nela acontece.

É um pouco dessa vida que vai passar nestas folhas de papel, de mão em mão, como passam as coisas simples, aquelas que são verdadeiramente importantes. Porque, de certa forma, são nossas. Porque falam de nós.

Na final deste primeiro período, esperamos a leitura do primeiro número de Escola Aberta seja, para todos, um sinal de esperança e de paz. E recree em todos o gosto pela vida e a vontade de ajudar a construir um mundo melhor.

Pela equipa da Biblioteca

Cristina Borges Teixeira

O Convívio do "nosso contentamento"



ver página 4

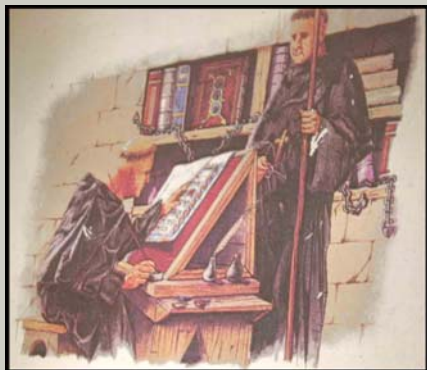
SUMÁRIO

Bibliotecas - Um pouco da sua história	2
Entrevista com a escritora Ana Maria Magalhães	3
O Livro e a Cultura	4
Programa Sócrates/Comenius 1	7
Álcool e Problemas ligados ao álcool	8
A Associação de Pais e a Escola	8
As NAC	9



NÓS, POR CÁ

BIBLIOTECAS - UM POUCO DA SUA HISTÓRIA



As bibliotecas vêm de há muitos séculos, sendo que, as mais antigas, apresentavam um carácter sagrado, uma vez que eram dirigidas por sacerdotes, encontrando-se anexas aos templos - Egípcios, Assírios, Babilónios - etc. Entre todas, é a Biblioteca de Assurbanípal a mais conhecida, pois permitiu que chegassem até nós os mais remotos vestígios, com escritos de caracteres cuneiformes sobre tábuas de argila.

Mas outras, também antigas, merecem aqui o nosso destaque tais como:

A Biblioteca de Alexandria, com 400.000 volumes, fundada por Ptolomeu I, várias vezes incendiada por Júlio César e Omar, cujos papiros, segundo a lenda, chegaram para aquecer a água das 4.000 termas da cidade, por um período de seis meses.

A Biblioteca de Pérgamo, escrita em pergaminhos e fundada por Atalo no séc. III a.c, que, juntamente com a de Alexandria e a de Aristóteles, formaram um conjunto de 700.000 volumes, que Marco António ofereceu como presente a Cleópatra, depois da conquista romana.

Em Roma, a instituição das bibliotecas desenvolveu-se a partir de Augusto, onde foram fundadas as duas primeiras com carácter público - a Octaviana e a Palatina.

A invasão dos bárbaros deteve este movimento, dispersou muitas preciosidades bibliográficas e, não fossem os frades (principalmente os beneditinos), que as recolheram nos seus conventos e se dedicaram a copiar muitas das obras famosas, ter-se-ia perdido, por completo, o património de muitas bibliotecas antigas.

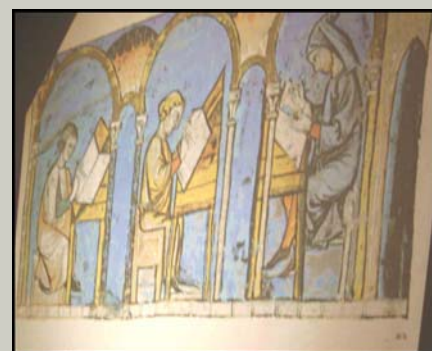
A tradição das bibliotecas públicas foi quase interrompida no período medieval, devendo contudo destacar-se nesta época as bibliotecas árabes de Córdoba e de Bagdade, que persistiram, bem como a do Mosteiro de Fulda na Alemanha e a do Monte Atos na Grécia. Com a invenção do papel pelos árabes (séc. XI), e da imprensa, por Gutemberg (séc. XV), vulgariza-se o livro, até aqui caríssimo, e as bibliotecas multiplicam-se logo ao alvorecer da Renascença, desde a Academia Platoniana de Florença (1440), passando pela de Lourenço de Médicis até à Vaticana, fundada por Nicolau V em 1455.

O movimento depressa se alastra por toda a Europa. Em Portugal foi D. João I a organizar a primeira biblioteca, que seu filho D. Duarte engrandeceu dotando-a com muitos livros comprados fora do país, por elevadíssimos preços. D. Afonso V acrescentou-lhe tantos e tão valiosos manuscritos e livros impressos, que a sua biblioteca foi considerada uma das primeiras do seu tempo. Os monarcas que lhe sucederam mantiveram a preocupação de a enriquecerem, aumentando o espólio da biblioteca real.

Todavia, o grande desenvolvimento das bibliotecas em Portugal, ficou a dever-se às ordens religiosas de Alcobaça, Tarouca, Santa Cruz de Coimbra e de Santo Tirso, possuidoras de grandiosas bibliotecas conventuais, que foram ao mesmo tempo grandes fontes de cultura do espírito.

Quando as bibliotecas foram instituídas, os livros foram colocados e conservados em armários fechados com o fim de abrigar da poeira, dos gatinhos e da luz. Hoje, essas preocupações só se adoptam para espécies raras, e, descoberto como está, que tanto o ar como a luz são necessários à vida do livro destruindo os parasitas que os matam, as bibliotecas instalam-se em armários abertos ou simplesmente protegidos de rede de arame, pouco mais altos que um homem, divididos em prateleiras, das quais, as inferiores mais espaçadas, se destinam aos grandes volumes, as médias aos volumes de tipo mediano e as superiores aos formatos mais pequenos, estando assim as obras separadas por tamanhos e apenas reunidas por assuntos e autores nos respectivos catálogos.

Drª Lúcia Maria Viegas



Já Passou

Dia Internacional das Bibliotecas



Como é habitual e porque não deve passar despercebido, a Biblioteca/Mediateca levou a efeito diversas actividades destinadas a comemorar o "Dia Internacional das Bibliotecas Escolares" das quais se destacam:

- uma visita guiada à Biblioteca para alunos do 7.º ano;
- exposições de iluminuras que compunham os livros medievais e de livros antigos dos séculos XVI e XVII;
- palestra sobre "Como se faziam os livros e como eram as Bibliotecas na Idade Média", apresentada pela Drª Ana Cristina Almeida, da Universidade Católica de Viseu;
- trabalhos elaborados pelos alunos sobre o tema.



Feira do Livro

Nunca nos cansamos de incentivar a leitura, levando sempre que possível o livro ao aluno para que este possa ter um contacto mais interactivo com ele e o possa adquirir a um preço mais acessível.

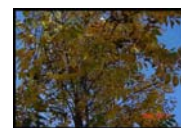
Decorreu nos dias 22, 23 e 24 de Novembro mais uma Feira do Livro.

Comemoração do dia de S. Martinho



Comemorou-se no passado dia 11 de Novembro o "Dia de S. Martinho". Os alunos tiveram a oportunidade de elaborar trabalhos alusivos ao tema.

Concurso de Fotografias Online sobre "As Cores no Outono"



Realizou-se neste primeiro período o primeiro concurso de fotografias online na internet sobre "as Cores do Douro no Outono". As fotos ainda podem ser observadas em www.prof2000.pt/users/ess_bi.

Vem Aí!!!

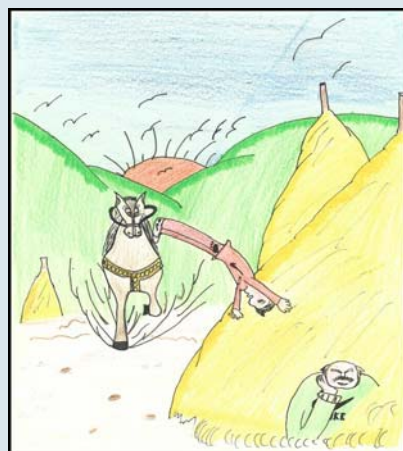
- * **Dia Internacional da Poesia** (15 MARÇO)
- * **Dia Internacional do Livro Infantil** (18 ABRIL)
- * **Exposição de Programas, Cartazes e Autocolantes sobre as Festas em Honra de Nª Srª dos Remédios** (2.º PERÍODO)

Entrevista com a escritora Ana Maria Magalhães - I Parte



Foi um privilégio, o facto de termos recebido, na nossa Escola, a visita da Escritora Dra. Ana Maria Magalhães, cujos livros de aventuras temos lido, com prazer e com proveito.

A sua obra (em parceria com a Escritora Dra. Isabel Alçada) compreende livros de aventuras, alguns dos quais inspirados em factos verídicos, autobiográficos ou não, e vários outros livros de História de Portugal. Estes últimos, apoiados em documentos fidedignos, não são, contudo, o relato seco dos acontecimentos históricos. As Escritoras fazem reviver as diferentes épocas pretéritas, com os seus usos e costumes, com os seus hábitos e crenças. Deste modo, o ambiente, a mundividência, o modo de viver (desde os hábitos alimentares



aos diversos tipos de vestuário, de habitação, de artefactos usados), tudo passa a ser familiar aos leitores. Há, pois, um “mergulho” nessas épocas passadas, em toda a sua dimensão. Deste modo, quem lê as referidas obras, passa a “viver” em outras épocas e “convive” até com personagens de outros tempos: anónimas, algumas; outras, bem conhecidas das páginas da História de Portugal.

A equipa da Biblioteca o nosso caloroso agradecimento, pela iniciativa, pelo dinamismo e pela dedicação que permitiram que tivéssemos recebido condignamente a Escritora. A Senhora Dra. Lúcia Maria leu-nos alguns capítulos de um dos livros de aventuras da Escritora, e estimulou a nossa imaginação, convidando-nos a “acabar a história” segundo a nossa capacidade inventiva, e a ilustrá-la, com desenhos, feitos por nós. Deste modo, aprendemos imensas coisas, divertimo-nos, e... descobrimos em nós potencialidades que desconhecíamos.

Os alunos da turma C do 7.º ano unificado - ano lectivo de 2003/2004

Ricardo Cardoso, 7º C – Todos nós gostámos muito do livro *Uma viagem ao tempo dos castelos*. O que motivou a Senhora Dra. a escrevê-lo?

Escritora – Muito obrigada por dizeres que gostaram d’ *A viagem ao tempo dos castelos* foi escrita porque eu sou professora de História e comecei a perceber que era fácil, por exemplo, ensinar aos alunos que D. Afonso Henriques tinha sido o primeiro rei de Portugal e que tinha conquistado Lisboa aos Mouros. Agora “pôr a cabeça” dos meninos no século XII, isso não era fácil. Há poucos filmes históricos, poucas séries históricas, e acontecia uma coisa cómica, sempre que eu levava os meus alunos do 5º ano ao castelo de São Jorge, em Lisboa. Fica lá no alto da cidade e tem uma vista deslumbrante até muito longe. E, para que se veja até mais longe, há binóculos de onde em onde, apontados ao horizonte, por entre as ameias do castelo. Estes aparelhos accionam-se metendo uma moeda numa ranhura e, realmente, permitem a ampliação da visão do panorama, quase até Sintra. Mas, da parte dos alunos, havia sempre uma pergunta que me desconcertava: «Estes binóculos são do tempo dos Mouros?»

Então eu pensava: «Pronto, eles sabem que D. Afonso Henriques foi o primeiro rei de Portugal, e que conquistou Lisboa aos Mouros com a ajuda dos Cruzados. Mas não lhes pus a cabeça no século XII. Julgam que já havia, então, binóculos, eléctricos, automóveis, vidros nas janelas, mobílias e outras coisas de épocas mais tardias.»

E foi assim que começámos, a Dra. Isabel Alçada e eu, a escrever histórias baseadas na História de Portugal, mas procurando descrever o modo de viver, de vestir, de sentir e de pensar das pessoas dessa altura. Assim, surge este livro e outros, numa tentativa de reconstituir épocas com tudo o que isso implicava, para levar os alunos a enquadrarem-se nesses tempos, facilitando a compreensão dos factos históricos estudados.

Ricardo Cardoso, 7º C - Como é que a Senhora Dra. se apaixonou pela escrita?

Escritora - Apaixonei-me ainda antes de escrever, pois inventava histórias para os meus irmãos e para os meus primos, para fazermos peças de teatro. Com as amigas eu inventava biografias: escrevia o que eu imaginava que elas viriam a ser mais tarde. Escrevia-lhes “biografias futuras” . Toda a vida fui escrevendo por graça. Contudo, só comecei a publicar aos trinta e seis anos.

Ana Carina, 7º C – Qual foi o livro no qual a Senhora Dra. mais saboreou o prazer da escrita?

Escritora – Em todos. Mas sobretudo em *Uma aventura nas férias do Natal*, porque é um bocado autobiográfico: é uma homenagem aos meus Avós de Trás-os-Montes e também ao Alberto Vilela, que contava histórias interessantíssimas e trabalhava imenso. Perto da quinta desses meus Avós, há um rochedo enorme, um maciço de pedra, da altura de cerca de três andares, no qual está uma cobra gravada. Julga-se que a referida cobra foi desenhada pelos Celtas e representaria uma divindade. Mas o povo da aldeia inventou muitas lendas à volta dessa gravura. E este homem idoso, o Alberto Vilela estava convicto de que a cobra lhe tinha salvado a vida. E então contava-nos essa história, todos os anos, várias vezes. «Eu ia de burro e o tempo estava muito mau: chovia, trovejava e fazia muito vento. Fiquei sem saber o que havia de fazer: se continuar para a frente se voltar para trás. Mas a verdade é que o recado que eu levava era urgente e eu avancei. Quando cheguei perto da pedra da cobra, comecei a ter mais medo e, do meio do barulho da ventania, comecei a ouvir uma voz que me dizia: «Volta p’ra trás!»

Estas palavras eram ditas baixinho, e nós, miúdos, ali ficávamos à espera que ele dissesse, pela segunda vez, a frase mágica, porque à segunda vez, as palavras eram ciciadas, em jeito de silvo de cobra: «Volta p’ra trás!!»». Era a cobra a falar com o Alberto, e nós ficávamos ali, esgazeados, a ouvir a história.

Às tantas, o burro começou aos coice, e a cobra continuava a avisá-lo: «Volta p’ra trás!!» Então o Alberto decidiu mesmo retroceder: «Volto para trás e seja o que Deus quiser!»

No dia seguinte, soube que o temporal tinha derrubado uma ponde de madeira sobre a qual ele teria passado, se tivesse prosseguido: claro que teria caído e teria morrido.»

Isto era contado na quinta, ao pé da lareira, a nós que éramos miúdos da cidade, fascinados pela voz do velho que imitava tão bem a cobra. Este episódio, que aparece em *Uma aventura nas férias do Natal*, é, pois, uma homenagem que eu presto àquele homem que trabalhava que se matava, que andava sempre vestido de preto, com o seu chapéu na cabeça. Ele era uma das figuras que estão a desaparecer do nosso país; mas foi uma pessoa que muito estimei.

Roberto Santos, 7º C - É verdade que uma das Tias da Senhora Dra. era uma notável contadora de histórias? Gostaríamos que nos falasse dessa Senhora, e da influência que teve na Senhora Dra., como Escritora.

Escritora – Sim, era a Tia Maria da Conceição, a Tia São, como lhe chamávamos. Era uma pessoa idosa, viúva, e sempre que nascia uma criança na família, a Tia São ia para lá cuidar do recém-nascido. Veio para nossa casa e lá ficou para sempre. Ela contava, de facto, imensas histórias que todos ouvíamos deliciados. A minha casa era enorme e aí viviam os meus Avós, os meus pais e a Tia São. Tínhamos também empregadas. Era uma casa cheia de gente.

Esta Tia contava-nos dois tipos de contos: histórias tradicionais e histórias de vida dela, passadas no interior do país, numa aldeia. Falava-nos de moleiros e de outras coisas que não existiam na cidade. E contava maravilhosamente bem. Eu acho que ela teve muita importância para desenvolver o nosso imaginário. Trazia-nos para Lisboa o mundo rural e as histórias tradicionais. E contava tudo isto como se essas narrativas fossem verdadeiras, e com o encanto de telenovelas. De tal maneira, que nós queríamos que ela contasse outra vez, e outra vez e outra vez...

Havia uma empregada da minha Avó, que também era fantástica a contar histórias. Era a Senhora Isabel. Tinha por mim uma preferência “escandalosa”, pois eu era a mais velha dos meus irmãos. Esta atitude era aceite pelos meus irmãos, porque a família era tão grande que cada um de nós era o preferido de alguém. Não havia ciúmes. Da Senhora Isabel era eu a preferida. Ela contava as histórias para mim e dava, aos meus irmãos, a possibilidade de as ouvirem também.

Então ela olhava para uma parede branca e aí “projectava” as suas histórias. Algumas verdadeiras. Outras imaginárias. E fazia-nos imaginar as coisas mais estrambólicas; e isto sem apoio visual nenhum, apenas a parede branca. Não se limitava a contar as histórias: ela dramatizava-as, representava o que narrava. Por exemplo ela dizia: «-Está ali uma Senhora, está a ver? Ali à varanda. Está vestida de escuro e tem um avental branco. Ai credo! Olhe, olhe! Ai! Ai!!! Um rato mordeu-lhe o pé, que horror!!! » E nós acabávamos a gritar também.

(continua na página 4)

DIZER...CRIAR

Eram tão coloridos e tão vivos os seus relatos, que às tantas, já não éramos apenas nós, as crianças que a escutávamos. As pessoas adultas vinham também ouvi-la.

Ela tinha uma história horrível, mas verdadeira, que nos contava com um dramatismo intenso. Era um naufrágio no rio Douro, ocorrido quando ela era pequena, à entrada da barra. (Ela era natural do Porto.) Tratava-se de um barco de pescadores que tentavam voltar para casa e não conseguiam chegar a terra, ali, à vista de todos, porque, de repente, se levantou um grande temporal. Juntou-se imensa gente, todos numa aflição horrível, as mães, os filhos, as mulheres, os vizinhos, os amigos, a verem o barco a afundar-se. A Senhora Isabel contava isto na cozinha da casa, uma cozinha enorme, com o chão de mosaicos octogonais, amarelos. E vinham ouvi-la as outras empregadas, os meus Pais, enfim, quem estivesse em casa. Como já disse, ela não se limitava a contar. Ela dramatizava o acontecimento, fazia o teatro. Imitava as vozes de aflição das pessoas, os ruídos que se ouviam: «Meu Filho, meu rico Filho! Ai Nossa Senhora nos ajude! Meu Pai! Ai o meu homem, que o não torno a ver!» E a Senhora Isabel imitava os ruídos do barco, e as sirenes e o fragor do mar em fúria... E às tantas aquele chão amarelo da cozinha deixava de ser amarelo, já era azul: “transformava-se” no mar encapelado e nas ondas alterosas, batidas pela ventania, e éramos nós que estávamos no meio da acção, a ver, a ouvir a sentir e a sofrer...

A minha Avó não tinha imaginação, só me contava histórias verdadeiras: a história do José do Telhado de que muito gostava, e a história de Inês de Castro. Contava-nos as histórias da História de Portugal.

A minha Mãe fazia connosco uma coisa muito interessante. Nós fazíamos colecções de cromos, mas havia sempre alguns que sobravam. Então, ela colava-os como se fossem banda desenhada. E, a partir daí, fazia-nos inventar outras histórias. Também fazia esta mesma actividade connosco, a partir dos desenhos de um livro qualquer..

E era muito divertida. A minha Mãe era extraordinariamente divertida: fazia de tudo uma paródia.

Realmente, eu fui muito estimulada, desde pequenina, a contar histórias.

Roberto Santos, 7º C - Que recordações guarda a Senhora Dra., do Colégio do Sagrado Coração de Maria?

Escritora – As melhores. Era um colégio de freiras, óptimo. Só havia meninas. As freiras eram muito exigentes, mas muito camaradas. E tinham uma coisa excelente: puxavam por nós no que tínhamos de melhor. Se eu tivesse dez em Matemática, já tinha os parabéns, porque era fraca nessa disciplina. Mas se tivesse um catorze a Português, tinha uma descompostura: «Tu podes ir mais longe. Faz o favor de te aplicares!»

Eram, portanto, muito equilibradas na relação connosco.

Drª Maria Irene Cardoso

Informamos os nossos leitores que a segunda parte desta entrevista com a Escritora Ana Maria Magalhães será publicada na próxima edição do Jornal Escola Aberta.

O Livro e a Cultura

Era uma vez um livro, que vivia no mundo dos livros em branco. Tal como os outros que aí viviam, ele tinha as páginas em branco, e vivia na angústia de não encontrar nada à altura de preencher as lindas páginas.

Partiu, então, à procura, até que encontrou a menina Cultura.

- Olá! Como te chamas? – perguntou o Livro. E a Cultura retorquiu:

- Sou a Cultura.

- O que é isso? perguntou o Livro.

- Cultura é educação, instrução, estudo, perfeição ou até sabedoria. A cultura é muito importante é aliás, um tema excelente para um livro. E tu? Por acaso já tens tema?

- Não – Respondeu o Livro. E tu, tens livro?

- Não. Mas acho que acabei de encontrá-lo.

E foi assim que o Livro encontrou o seu tema e daí se formou um belo e gracioso Livro de Cultura, ou seja, um livro educativo, instrutivo e cheio de sabedoria, que, por tal feito, saiu do mundo das ideias para o mundo real.

Dulce Duarte Silva 9ª A nº10

Como é Maravilhoso Ler...

Acabaram de bater, no sino do mosteiro, duas badaladas. Passa pouco das duas da tarde, acabei de rezar e vou dar aulas. Sou monge. Penso no que hei-de hoje ensinar aos meus alunos. Quero ensinar-lhes algo surpreendente, que eu perceba muito bem que tenha prazer em ensinar. Eu adoro ler e vou falar sobre os livros. Vou ensinar-lhes tudo sobre eles.

Vou dizer-lhes que as capas são feitas de couro de animais e que os livros são escritos com penas. Também lhes vou dizer que a primeira letra de cada capítulo é grande e se chama capital. São muito bem ilustrados com iluminuras. O conjunto de quatro folhas chama-se *quaterno*.

Agora vou rezar mais um bocado para que a aula me corra bem e para que eu consiga transmitir aos meus alunos toda a alegria que se pode ter ao ler um livro.

Já escrevi muitos livros, com esperança de que a geração vindoura possa ver como são os livros nesta época.

Enquanto estou a escrever, muitas vezes tenho a sensação de que, aquilo que escrevo, mais tarde ninguém quererá ler. Mas mesmo que ninguém o leia não vou parar de escrever.

Carina Sofia Costa Rodrigues 9º A Nº 6

Acabaram de bater, no sino do mosteiro, duas badaladas. Passa pouco das duas da tarde.

Entro na livraria pela mão do meu pai, tenho apenas 8 anos e é a primeira vez que eu entro numa livraria. Fico pasmada, nunca tinha visto tantos livros, é fabuloso, livros de todas as cores e tamanhos! O livreiro pergunta-me no que me pode ajudar. Eu, como nunca falei com mais ninguém, a não ser com a minha ama e os meus pais, com a voz trémula respondo que quero ler uma bela história com princesas, príncipes, fadas, feitiços e amores proibidos. O livreiro sorri e traz-me um belo livro chamado **Romeu e Julieta**. Mas que livro tão grande e pesado...!

O meu pai compra-o e levo-o para casa na nossa carruagem.

Deito-me no chão do meu quarto com o livro na minha frente. Fico curiosa, mas ao mesmo tempo com medo; surgem na minha cabeça mil perguntas a que eu apenas poderei responder quando abrir o maravilhoso e desconhecido livro. Perco o medo e abro o livro. Tem belas letras desenhadas, começo a ler.

Neste instante, como por magia, perco a noção do tempo, o chão desaparece e eu imagino-me dentro do livro. Sou eu a Julieta.

Não saio deste quarto, apenas tiro os olhos do livro para comer e dormir. Passa a ser este o meu divertimento.

Acabo de o ler, neste instante. Penso: eu quero voltar à livraria e nunca mais de lá sair.

Cláudia Almeida 9º A Nº 8

As Bibliotecas na Idade Média

Uma Viagem pela Idade Média

Acabaram de bater, no sino do mosteiro, duas badaladas. Passa pouco das 2 da tarde. Entro na biblioteca e reparo que não está muita gente, por isso penso: “Que bom, assim posso pesquisar à vontade!”

Não é a primeira vez que entro numa biblioteca, mas já não me lembrava de que havia tantos, mas tantos livros que não sei por onde começar. Então, aproximo-me do bibliotecário, que olha para mim muito admirado porque nunca tinha visto uma jovem da minha idade tão preocupada a pesquisar na biblioteca.

- Boa tarde. Podia dizer me por onde é que devo começar a pesquisar nestes livros? Sabe, é que nunca estive tão perto de livros tão importantes como estes.

O bibliotecário indica-me, com a mão, por onde tenho de começar. Ao olhar para os livros vou pensando: como é que terão feito aqueles livros tão grandes e pesados? Os livros têm uma capa muito resistente, feita de casca de árvore. São escritos à mão e o que acho mais bonito não é só a capa mas a letra que começa cada capítulo. É maior que as outras e muito bonita, chama-se capital. Também fico maravilhada com os desenhos, são muito bem feitos e também muito bem pintados.

Ao andar pelos corredores da biblioteca reparo que, no fundo de um deles, há livros que estão nas estantes, como os restantes, mas com correntes à volta da estante. Fico pensativa, e não consigo compreender por que razão é que aqueles livros estão na estante com uma corrente. Será que são proibidos?

Já passam uns minutos das três e meia, quando um senhor alto e magro pega num daqueles livros que eu pensava que eram proibidos. Aproximo-me dele e pergunto-lhe porque é que os livros estão assim, com correntes. Ele diz-me que não são proibidos, mas ao contrário, as correntes servem para avisar as pessoas de que aqueles livros são os mais usados, por isso é preciso ter muito cuidado com eles.

Acabaram de bater, no sino do mosteiro, quatro badaladas. Coloco os livros que utilizei nos seus lugares e saio da biblioteca.

Vou logo para casa, para contar à minha mãe o que se passou na biblioteca.

Ela gosta muito e diz-me que, um dia destes, irá fazer uma visita à biblioteca para também ver aqueles bonitos mas pesados livros que eu vi.

Liliana Monteiro 9.º A N.º 17

A LIVRARIA



Acabaram de bater, no sino do mosteiro, duas badaladas. Passa pouco das 2 da tarde. Entro na livraria, está um ambiente calmo. Está pouca gente na livraria, dizendo melhor, só eu e os monges que, com mãos delicadas, fazem deslizar a pena sobre folhas grossas de papiro.

Estar a livraria vazia é normal, seja lá a que horas for. As pessoas, em maioria, não sabem ler nem escrever, por isso na sala ao lado do mosteiro estão 24 alunos a aprender.

Ouve-se o sino novamente, vai-se dar início a uma celebração na igreja do mosteiro. Um dos monges que ali estão levanta-se, fecha o livro e desloca-se para a porta. Ficam ali ainda dois monges.

Usam um hábito castanho, com uma corda à cintura e um capuz a cobrir a cabeça, só se vendo a boca.

Dos dois monges que ali ficam, cada um tem funções diferentes. Sentados numa escrivaninha própria, em frente à janela, um é copista e faz verdadeiras obras-primas em cada palavra que grafa. O outro é ilustrador e em redor dos textos dos livros faz iluminurias lindas, jamais vistas.

Dirijo-me, agora, para a porta. Antes de sair reparo que à minha esquerda está uma estante acorrentada e penso;

- Será que um dia as novas gerações se lembrarão de como eram as livrarias na idade média?

Sandra Catarina Cabral Carvalho 9.º A-N.º 22

O Encontro

Era uma vez um rapaz que se chamava Livro, que vivia numa terra pequenina, onde não havia quase nenhuma pessoa. Por isso, um dia, decidiu ir a uma vila onde havia muitas pessoas. Encontrou lá uma rapariga, com quem meteu conversa:

- Olá! Como te chamas?
- Eu chamo-me Cultura, e tu?
- Eu chamo-me Livro.
- Tens um nome muito bonito.
- Tu também.
- O que fazes? – perguntou a Cultura.
- Eu escrevo pequenos textos para as poucas pessoas da minha terra. E tu?
- Eu estou a fazer com que a sociedade venha a melhorar.

Já estava quase a anoitecer:

- Cultura, eu tenho que me ir embora para a minha terra.
- Eu também tenho que ir para casa, por isso adeus. E gostei muito de te conhecer.
- Também gostei muito de te conhecer, adeus.

O livro foi para casa e já escrevia mais textos com um sorriso.

Esta foi a viagem do Livro a conhecer a Cultura.

António José Santos 9º A N° 4

COISAS E LOISAS

O Convívio do "nosso contentamento"



Não desfazendo os encontros entre os “novos” e “velhos” colegas dos anos anteriores, a verdade (bem posta à tona) é que o de este ano foi, sem dúvida, bem divertido! Começando pelo passeio, empreendido por um grupo “aventureiro”, “corajoso” (sim, porque para passeios destes é preciso sempre muita coragem!) e não menos heterogéneo, onde não faltou o “chicoleta”, um nobre cão (ou não se comportasse ele como um verdadeiro “gentledog” dentro e fora do autocarro) e também um espanhol e duas alemãs.

O passeio pretendeu, tal como todos os outros, mostrar “nacos” da região em que nos situamos aos colegas que, pela 1ª vez, se encontram na nossa escola e ajudá-los na sua integração.

Começámos por visitar alguns locais como manda a “lei” de todos os anos, porém, como também já é costume, começámos a ficar cansados de tantos outros (no bom sentido, claro!), dada a hora avançada e o cheirinho das castanhas não cessar de se fazer sentir desde a nossa partida de Lamego.

Eis finalmente chegado o tão desejado magusto, composto **sobretudo e essencialmente** de... castanhas, vinho tinto e jeropiga e... sumo para os mais delicados! Abençoadas castanhinhas ainda quentinhas, que as nossas cozinheiras tão bem assaram e condicionaram para, 4 horas mais tarde, ainda as podermos sentir estalar nas nossas mãos! Agradecemos-lhes, desde já, tão saboroso pitéu!

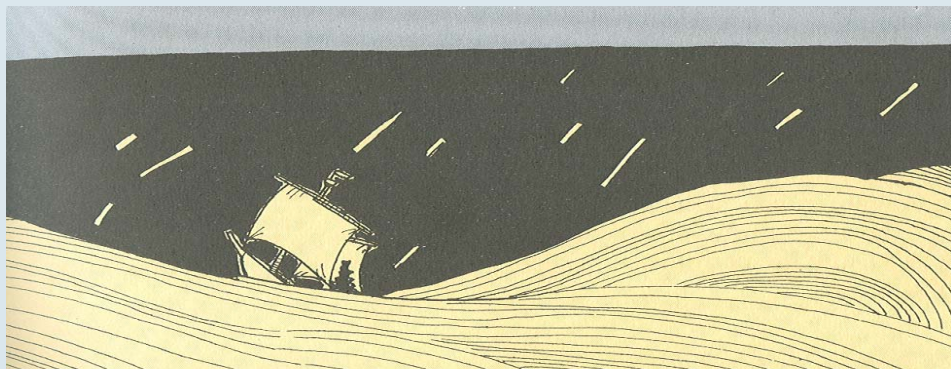
Para terminar o convívio, acabámos todos e mais alguns, que se nos juntaram mais tarde, no local da “janta”: Quinta de Sta Cruz. Iniciámos esta parte com uns aperitivos quentinhos e, por isso, aconchegantes, acabando o jantar, com um grupo já mais homogéneo, onde não faltou o “bom rir”, “bom conversar” e por que não “tairar”?

Honestamente (embora seja suspeito ser eu a admiti-lo) esta iniciativa deverá ser mantida no nosso rol de tradições, dada a sua importância e o seu valor. No que a este ano diz respeito, penso que a quantidade presente neste passeio/convívio foi também sinónimo de qualidade!



Drª Maria Hermínia Quintela

A lenda do Machim



Machim era um jovem cavaleiro inglês, forte e destemido, que se apaixonou por uma menina da alta nobreza chamada Ana de Arfet. Ela correspondeu inteiramente ao seu amor. Não podiam casar porque não pertenciam ao mesmo grupo social. Namoravam portanto em segredo.

Quando os pais de Ana descobriram ficaram furiosos e quiseram pôr fim ao romance. Sendo pessoas importantes, conseguiram que o próprio rei de Inglaterra obrigasse a filha a casar com um fidalgo de alta linhagem.

Desesperado, Machim elaborou um plano de fuga. Quando tinha tudo preparado mandou avisá-la, pedindo que fosse ter com ele ao ponto da cidade de Bristol.

Ana de Arlet ficou radiante e fugiu de casa à noite levando consigo apenas um crucifixo.

Felicíssimos, caíram nos braços um do outro. Mas não houve tempo a perder! O navio que os levaria para França estava ancorado ao largo. Se queriam fugir sem ninguém dar por isso, tinham que aproveitar a ausência da tripulação.

Meteram-se num bote com alguns companheiros e lá foram remando com mil cuidados para não fazerem barulho.

Quando subiram a bordo apressaram-se a soltar as velas e partiram cheios de esperança num futuro risonho. O sonho porém não durou muito! Pouco depois levantou-se um temporal e só então perceberam a falta que lhes fazia um piloto experiente. Arrastados pelo vento, andaram à deriva e perderam-se no mar.

Dias depois avistaram uma terra brava, coberta de arvoredos, que os deixou espantados, confusos. Que terra seria aquela? Aparentemente não vivia ali ninguém.

Resolveram então desembarcar, Ana pediu que a levassem porque se sentia doente de tão enjoada. Fizeram-lhe a vontade.

O sítio onde tinham ido parar não podia ser mais acolhedor. Havia água com abundância, frutas silvestres e até um abrigo natural!

Nessa noite dormiram junto à praia dentro de uma árvore fantástica. O tronco era enorme, oco e tão espaçoso como uma cabana. Apesar de tudo a pobre menina não se recompôs. A sorte também não ajudou. Uma tempestade arrastou a nau para longe e deixou-os apenas com um bote a remos!

Receando não poder regressar nunca, Ana entregou-se à doença e à tristeza. Morreu pouco depois.

Machim, louco de sofrimento disse aos outros que tentassem alcançar o continente no barco a remos porque ele ficaria ali junto da sua amada.

Os amigos rodearam-no de carinho e compreensão mas de pouco serviu. Alguns dias depois o jovem cavaleiro morreu também.

Antes de partirem, os companheiros sepultaram-nos lado a lado. Assim ficariam juntos para todo o sempre.

O lugar que serviu de palco a esta e triste história de amor viria a chamr-se Machico...

Grupo de História

COISAS E LOISAS

Programa Sócrates / Comenius 1 – Parcerias entre escolas

“Como ser um cidadão europeu – da minha região para a Europa”

- É este o tema do projecto a desenvolver por um período máximo de três anos, tendo como escolas parceiras uma alemã, uma dinamarquesa e outra polaca..Pretende-se sobretudo promover a cooperação europeia entre grupos de alunos e professores dos diferentes países. Esta cooperação proporciona aos participantes a oportunidade de explorarem aspectos relacionados com o país, culturas, estilos de vida e mentalidades e de aprenderem a compreendê-las melhor. Assim, vamos divulgar às escolas parceiras o nosso património cultural, a riqueza da cidade e da região do Douro ,recebendo em troca outra realidade completamente diferente, Além desta troca de experiências é fundamental o desenvolvimento da capacidade de comunicar e o gosto pela aprendizagem das línguas estrangeiras.



No âmbito deste projecto, teve lugar na escola, entre 30 de Setembro e 2 de Outubro, a primeira reunião do projecto com a participação de todas as escolas parceiras. Além de sessões de trabalho foram realizadas visitas a locais de interesse para o projecto, não só na cidade mas também na região do Douro. Conseguimos proporcionar um programa rico e completo, incidindo sobre os aspectos que vamos desenvolver: Património, cultura, gastronomia, folclore, e turismo.

O balanço deste primeiro encontro é muito positivo; vamos dar início ao trabalho, acreditando que a troca de saberes será muito enriquecedora para a formação global dos alunos e esperamos poder levá-los a conhecer os seus parceiros. O grupo é constituído pelos alunos do 12ºD e quatro alunas do 11ºE, que trabalharam nas suas páginas pessoais , incluídas na página do programa Comenius, estando neste momento na fase de troca de correspondência para melhor conhecimento dos seus parceiros. Simultaneamente vão recolhendo informações relativas aos diferentes tópicos do projecto, com vista à criação de uma brochura a apresentar na próxima reunião na escola parceira dinamarquesa no início de Maio, na qual estarão presentes quatro alunos do grupo.

Para melhor conhecer este projecto o melhor será consultar a página Comenis, a partir da página da escola. (www.prof2000.pt/users/esslamego)

A coordenadora
Maria José Alvelos

Pode ler o Jornal Escola Aberta online no link "Biblioteca" da página da escola - www.prof2000.pt/users/esslamego e ainda tudo relacionado com a Escola Secundária/3 da Sé.

Endereço <http://www.prof2000.pt/users/esslamego/>

Escola Secundária/3 da Sé
L A M E G O

Home Escola C. Pedagógico C D Turma DC Matemática/Informática

 Escola Secundária/3 da Sé
Lugar da Quinta da Cerca
5100 LAMEGO
Telefone: 254600280 - 254600281
Fax: 254615079 CE - 254615649 SAE
E-Mail CE: esec3se.lamego@mail.telepac.pt

2004 
Plano de F
[Consulte aqui](#)

Faltam 13 dias para o final do 1.º Período.

Dezembro 2004

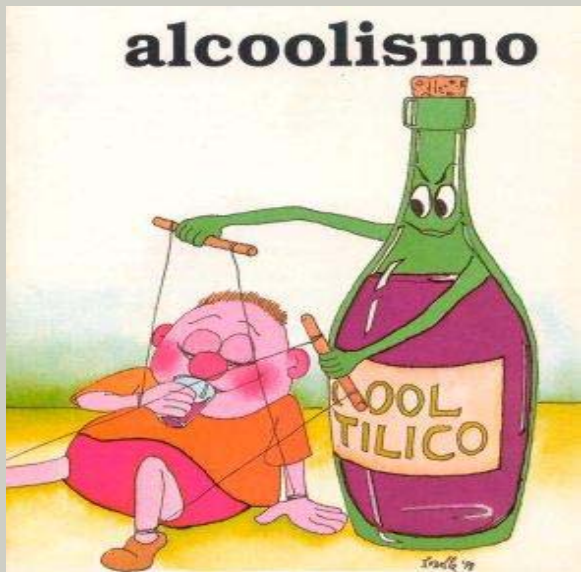
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	



Comunicando

Nov
Concur
Project
School
Hist
Quadro
Ano Lec
Estatísti
3.º Perí
Acco
Ma
27

Álcool e Problemas ligados ao álcool em Portugal



bebedores regulares de álcool. É neste grupo maior da população que se encontram os bebedores excessivos e doentes crónicos. Por efeito do álcool, neste grupo há uma elevada morbilidade, e co-morbilidade, quase sempre ignorada ou não valorizada que importa identificar e nelas intervir.

São os quadros de uma patologia situada no foro digestivo, cardiovascular e cerebral, neuromuscular, comportamental e social, laboral, económico e jurídico entre outros, que constituem os reais efeitos dos PLA, e um dos mais graves problemas de Saúde Pública em Portugal.

O consumo de álcool “per capita”no ano 2000 em Portugal foi de 10,8 litros de álcool puro, sendo assim o terceiro consumidor mundial.

Relativamente à Europa, situa-se (no mesmo ano) no 2º lugar, quase em simultâneo com a Irlanda, seguindo-se com o mesmo valor a França e a Alemanha. O Luxemburgo ocupa o 1º lugar.

À semelhança do que vem acontecendo em outros países, também em Portugal, os hábitos tradicionais de consumo de bebidas alcoólicas parece terem sofrido nos últimos anos, alterações, destacando-se as seguintes tendências:

- Marcado aumento de consumo de cerveja;
- Crescente consumo de bebidas alcoólicas pela mulher;
- Crescente consumo de bebidas alcoólicas pelos jovens, por vezes integrado em quadros de poli toxicomania;
- Crescente consumo de bebidas destiladas, mais fortemente alcoolizadas (aperitivos, whisky, licores, cocktails);
- Internacionalização e uniformização dos hábitos de beber;
- Consumo de novas bebidas (sumos com álcool “alcopops”, red bull com vodka, shots...)

Da informação resultante de estudos epidemiológicos na população Portuguesa, destaca-se:

- Mais de 80 % dos homens e 50 % das mulheres consomem bebidas alcoólicas;
- O vinho é a bebida habitualmente mais consumida;
- O consumo é feito diariamente, ao longo do dia, dentro e fora das refeições;
- 80 % das mulheres mantêm os seus hábitos de ingestão durante a gravidez e amamentação;
- O início dos hábitos de consumo é precoce; mais de 60 % dos jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, e mais de 70% acima dos 16 anos, consomem regularmente bebidas alcoólicas.

A sobremortalidade ligada ao álcool é muito evidenciada na diminuição da “esperança de vida” do bebedor excessivo, quando comparada com o bebedor normal. Um indivíduo de 20 anos vê a sua esperança de vida encurtada em 65%, se for bebedor excessivo; Um de 40 anos terá um encurtamento de 60% e um de mais de 60 anos terá uma redução de 3%

O consumo abusivo de álcool constitui causa importante de perda de saúde, contribuindo significativamente para a taxa de mortalidade. É factor interveniente nos acidentes de viação domésticos e fundamentalmente nos relacionados com o trabalho. Constitui ainda, um elemento implicado em muitos problemas na ordem pública incluindo o crime, homicídio e violência.

É um factor importante de ruptura familiar, violência doméstica e maus-tratos sobre crianças. É também factor de redução de produtividade, principalmente através do absentismo e acidentes. É causa de consideráveis despesas através de perdas de produtividade e de custos com a saúde, bem-estar social, transportes e sistema judicial-criminal.

O álcool é a toxicodependência que afecta mais pessoas em todo o Mundo e Portugal não é excepção.

Drª Filomena Viegas - Delegada de Saúde

A ASSOCIAÇÃO DE PAIS E A ESCOLA

A Associação de Pais da Escola Secundária da Sé encontra-se constituída desde 22 de Fevereiro de 1989, por escritura outorgada naquela data no Cartório Notarial de Lamego.

Nasceu com a finalidade de representar e apoiar todos os pais e encarregados de educação junto dos órgãos directivos da Escola.

Com a publicação do Decreto-Lei nº. 115-A/98, de 4 de Maio, que aprovou o regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino, resultou uma maior responsabilidade partilhada por toda a comunidade educativa, na qual a Associação de Pais se insere.

Como parceiros de pleno direito na comunidade educativa, a participação dos pais na vida escolar é, hoje em dia, fundamental para melhorar a qualidade do processo educativo de modo a torná-lo melhor e mais participativo.

Assim, a Associação de Pais participa e colabora nos principais órgãos de gestão da Escola, como sejam a Assembleia de Escola (órgão responsável pela definição das linhas orientadoras de toda a actividade da escola) e o Conselho Pedagógico (órgão que define e coordena todas as questões de ordem pedagógica), para além dos pais ainda se fazerem representar nos Conselhos de Turma dos seus educandos.

Esta representatividade dos pais nestes órgãos, consubstancia uma participação responsável, directa e activa, na elaboração de documentos fulcrais para o percurso educativo dos nossos filhos, como sejam, o Projecto Educativo, o Regulamento Interno, o Plano Anual de Actividades ou os Projectos Curriculares.

Sabemos, no entanto que, as Associações de Pais são apenas uma parte dos Pais de cada Escola. Talvez os mais conscientes e despertados para estas necessidades. Mas o sucesso do processo educativo depende da participação de todos os seus intervenientes, nomeadamente dos pais, no acompanhamento diário aos seus filhos. Devem estabelecer regras claras relacionadas com o estabelecimento de um horário de estudo articulado com outras actividades, evitando-se uma acumulação excessiva de tarefas curriculares e extracurriculares, interessar-se pelo seu dia a dia na escola. Os Pais devem criar o hábito de discutir em família os temas da actualidade, proporcionando a troca de ideias e permitindo que os seus filhos aprendam a expressar-se de forma coerente, articulando ideias e argumentos.

O Presidente da Associação de Pais - Sr. José Lobão

Soluções dos Passatempos/Curiosidades

Portugal deu novos mundos ao mundo.

☐ Os Portugueses dominavam as rotas do Índico e do Atlântico.

☒ Portugal tinha uma excelente costa e bons portos naturais.

☐ Os Portugueses descobriam a ciência náutica.

☒ Portugal possuía um saber de experiência feito, proporcionado pela actividade piscatória e comercial.

Estabelecimento de um território.

Carteiras importantes portos.

Portugueses.

Processo de organização administrativa utilizado nos ilhas atlânticas.

Capitães.

Felipe II.

O seu objectivo era atingir a Índia através do Atlântico sul.

Príncipes e condes territoriais em Marrocos.

1

2

3

Há já alguns anos que essas três letras se fazem acompanhar (ou acompanham) uma lista infindável de disciplinas do currículo escolar. Há quase tanto tempo se ouvem os professores a dizerem que não sabem o que “isso” é, a lamentarem-se sobre “o que havia de lhes ter calhado”, a maldizerem “esse tempo que não sabem como ocupar”, a rejeitarem qualquer possibilidade de mudança que implique “mais trabalho”, a questionarem «o que devem fazer nessas “duas aulas” que só servem para desperdiçar um “tempinho” que tanto jeito fazia para dar a matéria da “sua” disciplina».

Reflectindo sobre a evolução da educação no nosso país, facilmente concluímos que os alunos sabem cada vez menos e o professor trabalha cada vez mais; a roda não anda, emperrada em grandes obstáculos ou impedida por pequenos grãos de areia.

Justificados, continuamos a utilizar argumentos sobejamente gastos pelo uso, tentando, já com pouca convicção, arrastar os alunos que teimosamente nos demonstram que “tudo se pode fazer sem que os estudos sejam precisos”. Lá vamos “andando ou até rastejando”, numa via-sacra cheia de dificuldades reais ou, por vezes, apenas imaginadas. Cada um na sua “cadeira” (no seu duplo sentido de disciplina curricular e de objecto que serve de assento para uma só pessoa) procura(-se) e perde(-se) (n)um vasto mundo de publicações sobre Formação Cívica, Estudo Acompanhado e Área de Projecto, esforçando-se para **Não Admitir Confusões (NAC)** como, de resto, tem sido apanágio da “função” docente, desde a última reforma curricular.

Sem qualquer pretensão em encontrar “boas” respostas a questões que se prendem com a utilidade e características dessas áreas não disciplinares, mas pensando sobre elas como “áreas curriculares que não pertencem a ninguém”, ficam no ar algumas questões:

1. Será possível educar sem reflectir sobre a própria existência, sobre a dinâmica escolar, sobre as ideias e práticas científicas, políticas ou socio-económicas, num mundo global?
2. Poderá alguém assumir-se como professor se não tiver um projecto educativo pessoal e uma referência comunitária com a qual se identifique?
3. Existirá algum processo educativo responsável que não inclua como objectivo os alunos organizarem, de forma autónoma, o seu estudo?
4. Poder-se-á considerar uma efectiva acção pedagógica abstermo-nos de criar condições para que os alunos sejam capazes de resolver problemas, individuais ou colectivos, com consequente reflexo social?
5. Poderá a escola ser considerada uma instituição educacional se os professores não tentarem ajudar os alunos a aprenderem a pesquisar e a utilizar diversas fontes de informação para que as possam mobilizar?

O papel da escola não é, nem pode ser, o mesmo de há 10 anos atrás; as necessidades pessoais e sociais, hoje, são outras e, por isso, não podem ser satisfeitas com estratégias que “serviam” como resposta aquando da última reforma de ensino.

Não basta que frequentemos reuniões onde, simultaneamente, se fala de tudo e de nada. Os discursos que delas resultam, concretizados dentro e fora da aula, terão de envolver os alunos numa participação verdadeiramente activa e no apelo a uma análise e avaliação permanentes de experiências vividas no seu contexto escolar, familiar e social.

O Estudo Acompanhado pretende ser uma área em que as situações de aprendizagem conduzam ao desenvolvimento da auto-estima e autoconfiança e, tal como na Área de Projecto, promovam a organização intencional das actividades individuais, a pares, em grupo ou colectivas, onde o aluno recorra a materiais e recursos adequados a diferentes formas de trabalho.

A área de Formação Cívica acabará por complementar a aprendizagem que se está a construir nas áreas de Projecto e Estudo Acompanhado, uma vez que prevê a realização de actividades baseadas na fundamentação crítica do agir e do saber ser. Deverá, ainda, estar assente em regras e critérios de actuação sobre os quais se poderão efectuar debates ou promover iniciativas que apelem à solidariedade e à justiça.

Em jeito de síntese, sobre as NACs poder-se-á dizer:

- ❖ Não são uma tarefa fácil;
- ❖ As estratégias que resultam num dia e numa turma podem ser inadequadas para outro grupo de alunos e/ou outro contexto;
- ❖ As mudanças que se espera serem verificadas dentro de um mesmo ciclo de ensino demoram a manifestar-se e a serem percebidas; algumas parecem até nem chegar a acontecer;
- ❖ Nunca se poderá prever, com segurança, o resultado a que nos propomos;
- ❖ Não há garantias de popularidade.

Mas, como todo o caminho árduo, quando vislumbramos ou constatamos as mudanças, a paisagem é fantástica e deixa marcas na nossa lembrança e na dos nossos alunos.

Dr^a Armada Nascimento

A PRIORIDADE PORTUGUESA

Olá! O meu nome é Bartolomeu. Sou um navegador que viveu no século XVI. Vem comigo nesta aventura!



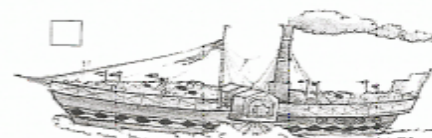
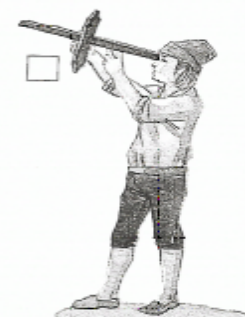
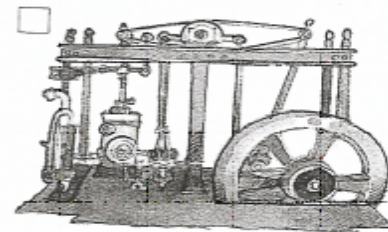
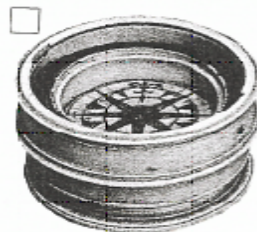
O século XV foi um século de expansão. E Portugal foi pioneiro nessa aventura. **Decifra a frase.**



Caça as razões dessa prioridade portuguesa (assinala com um X as afirmações verdadeiras).

- ☐ Os Portugueses dominavam as rotas do Mediterrâneo.
- ☐ Portugal tinha uma excelente situação geográfica: extensa costa e bons portos naturais.
- ☐ Os Portugueses desconheciam a ciência náutica.
- ☐ Portugal possuía um saber de experiência feito, proporcionado pela actividade piscatória e comercial.

Os navegadores portugueses ousaram desafiar os oceanos pois conheciam a navegação astronómica. **Assinala as figuras intrusas.**



DESCOBRIMENTOS E CONQUISTAS



Conquistar ou descobrir? Os nobres e burgueses irão competir! **Estabelece a ligação correcta.**



Ceuta

Estabelecimento ou entreposto comercial fundado num território.

D. Afonso V

Constituíram importantes pontos estratégicos de apoio à navegação portuguesa.

Ilhas atlânticas

Processo de organização administrativa utilizado nas ilhas atlânticas.

Capitanias

A sua conquista marcou o arranque da Expansão portuguesa.

Feitoria

O seu objectivo era atingir a Índia através do Atlântico Sul.

D. João II

Privilegiou a conquista territorial em Marrocos.

Completa o crucigrama.



1. Interesse da burguesia em aumentar os seus lucros.
2. Metal precioso que escasseava na Europa.
3. O que procuravam as classes populares.
4. Condição política sem a qual não seria possível o movimento da Expansão.
5. Grupo social que procurava expandir a Fé cristã.
6. O que ambicionava o rei.



BOAS FESTAS

Bom Ano 2005



Escola Secundária/3 da Sé - Lamego
Quinta da Cerca
5100 Lamego
Tel.: 254 600280
Fax: 254 615079
esec3se.lamego@mail.telepac.pt
www.prof2000.pt/users/esslamego